

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BACHARELADO

Tailiny Femi Fabris da Silva

**“...AS MULHERES TECIAM VÉUS PARA ASERÁ”: IDENTIDADE E
GÊNERO EM REPRESENTAÇÕES DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO
DEUTERONOMISTA (SÉCULO VIII AO VI AEC)**

Santa Maria, RS
2022

Tailiny Femi Fabris da Silva

**“...AS MULHERES TECIAM VÉUS PARA ASERÁ”: IDENTIDADE E GÊNERO EM
REPRESENTAÇÕES DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO DEUTERONOMISTA
(SÉCULO VIII AO VI AEC)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em História**.

Orientadora: Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva

Santa Maria, RS
2022

Tailiny Femi Fabris da Silva

**“...AS MULHERES TECIAM VÉUS PARA ASERÁ”: IDENTIDADE E GÊNERO EM
REPRESENTAÇÕES DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO DEUTERONOMISTA
(SÉCULO VIII AO VI AEC)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em História**.

Aprovada em 15 de junho de 2022.

Semíramis Corsi Silva, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Mariana Flores da Cunha Thompson Flores, Dra. (UFSM)

Nikelen Acosta Witter, Dra. (UFSM)

Gabriel Freitas Reis, Me. (SUPLENTE)

Santa Maria, RS
2022

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor incondicional e pela educação durante todos esses anos. As minhas conquistas também serão sempre deles.

AGRADECIMENTOS

A princípio, eu desejo agradecer todos que contribuíram direta ou indiretamente para a obtenção do meu bacharelado em História e para a realização desse trabalho de conclusão de graduação.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva, que gentilmente me recebeu no Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico (GEMAM), em 2018. Obrigada por me ensinar a pesquisar sobre a Antiguidade, por incentivar meu interesse pelo Antigo Oriente Próximo, por todas as correções, pelas oportunidades de bolsas, de monitorias, de publicações e de eventos e, principalmente, pela paciência nesses quase quatro anos. Aonde quer que minha carreira acadêmica me conduza, carregarei comigo os seus ensinamentos.

Também agradeço à banca deste trabalho por, compreensivamente, aceitar participar mesmo com o prazo urgente da defesa. Agradeço à Profa. Dra. Mariana Flores da Cunha Thompson Flores e à Profa. Dra. Nikelen Acosta Witter pelo empenho e empatia ao avaliarem este trabalho com tamanha rapidez e por viabilizarem a conclusão de um projeto importante para minha carreira acadêmica. E ao Prof. Me. Gabriel de Freitas Reis, eu agradeço pelas indicações de leituras, pelas dúvidas sanadas sobre pesquisa em história e sobre esse trabalho, em específico. Para além de integrante da minha banca, ele também é um querido amigo que a UFSM e o GEMAM me proporcionaram, portanto agradeço também pelos nossos anos de amizade, tanto no passado quanto no futuro, pelas nossas viagens e, principalmente, pelas nossas confidências.

Durante o andamento da pesquisa que resultou nesse trabalho de conclusão de graduação e outros materiais, eu tive a oportunidade de fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PROBIC, e por isso agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS. A bolsa me possibilitou explorar mais a fundo meu tema e melhor desenvolver minhas habilidades de pesquisa, de comunicação e de escrita.

Agradeço também aos professores que integram o Departamento de História da UFSM, que foram essenciais para minha formação acadêmica e profissional. Eu lembrarei com muito carinho de todas as aulas, de todas as descontrações e de todos os aprendizados. E aos meus colegas do grupo de pesquisa, do GEMAM, agradeço por todas as reuniões, cada evento, cada material e experiências trocadas e cada risada. Todos fizeram com que meus quatro anos de graduação fossem vividos da melhor forma.

Pelo auxílio com a revisão desse trabalho, agradeço à Cristina Martins de Camargo, por deixar a estética harmoniosa e por me instruir sobre informações de formatação e de escrita das

quais eu não tinha conhecimento.

Pelas leituras desse trabalho, além das conversas maravilhosas, agradeço à Professora Elenice Grontowski Ribeiro, que participou da minha educação formal na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e que hoje participa por meio desse trabalho de conclusão de graduação e dos laços próximos de nossas famílias.

De forma especial, agradeço à minha família: minha mãe Dirce Raquel Fabris Lima, meu pai Idenei Borges da Silva, minha vó Ana Maria Fabris Lima e minha irmã Taisy Danieli Fabris Ferreira, por toda a atenção, carinho, dedicação e amor que demonstraram e demonstram nesses vinte e quatro anos da minha vida. Muito obrigada por acreditarem em mim, quando eu mesma não consigo, muito obrigada por acolherem meus sonhos e esperanças, mesmo não concordando ou não entendendo e muito obrigada por simplesmente existirem. Eu os amo com todo meu coração!

Às minhas amigas Elysa Santa Rosa, Kimberly Araújo Lazzarin e Mariana Alvarez Saldade, eu agradeço pela infinita amizade e amor de longa data, por nunca deixarem com que eu me sinta sozinha, pelas constantes conversas e lembranças de que a distância é um mero detalhe e por me ajudarem a manter a calma nesse último ano de tantas mudanças e decisões importantes. Às minhas amigas Pauline Laurent e Bruna Martins Pereira, eu também agradeço pela amizade, e para além disso, eu agradeço todas as ajudas com as burocracias acadêmicas.

Por fim, eu quero agradecer a todas as demais pessoas incríveis que me auxiliaram durante minha graduação e que não estão com os nomes expostos aqui. Eu tenho muito carinho por todas e cada um/a que passou ou está presente em minha vida.

RESUMO

“...AS MULHERES TECIAM VÉUS PARA ASERÁ”: IDENTIDADE E GÊNERO EM REPRESENTAÇÕES DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO DEUTERONOMISTA (SÉCULO VIII AO VI AEC)

AUTORA: Tailiny Femi Fabris da Silva
ORIENTADORA: Semíramis Corsi Silva

Este trabalho de conclusão de graduação procura analisar cinco livros do Antigo Testamento: Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis, com o objetivo de compreender o processo de supressão da deusa Aserá durante a afirmação do monoteísmo e a construção da identidade hebraica por meio da escrita Deuteronomista, entre os séculos VIII e VI AEC. Neste contexto, os antigos reinos de Israel e Judá, ou reinos do Norte e do Sul, passaram por uma série de ameaças e deportações impostas pelos impérios Assírio e Caldeu. Durante as duas deportações, escribas e sacerdotes se preocuparam com a mescla cultural que os hebreus, israelitas e judaítas, vivenciavam. E, dessa maneira, registraram por meio de diversos textos um culto unificado em torno do deus Iahweh, o que fortaleceu a identificação entre aqueles que foram deportados e aqueles que ficaram em seus locais de origem. Contudo, esse processo de afirmação do monoteísmo hebraico teceu representações negativas de divindades que coexistiam entre diversos povos do Antigo Oriente Próximo. Com isso, a adoração à deusa Aserá foi relacionada, nos textos veterotestamentários, com figuras controversas e foi incentivada a destruição de todos os seus locais de culto. Essas ações, oficializadas através de leis e punições, atingiram a parcela feminina da sociedade hebraica. Logo, buscaram-se apreender as representações de Aserá, as consequências do culto restrito ao deus Iahweh e a subjugação do feminino na tradição hebraica. E, para o melhor desenvolvimento da pesquisa, utiliza-se o Método Histórico-Crítico para interpretar o Antigo Testamento com o suporte teórico da História Cultural e Estudos Culturais mediante a utilização dos conceitos de representação, identidade e gênero.

Palavras-chave: Aserá. História deuteronomista. Identidade. Gênero. Representação.

ABSTRACT

“...THE WOMEN WOVE VEILS FOR ASHERAH”: IDENTITY AND GENDER IN REPRESENTATIONS OF THE GODDESS ASHERAH IN THE DEUTERONOMISTIC REDACTION (8TH TO 6TH CENTURY BCE)

AUTHOR: Tailiny Femi Fabris da Silva

ADVISOR: Semíramis Corsi Silva

This undergraduate thesis seeks to analyze five books of the Old Testament: Deuteronomy, Joshua, Judges, Samuel and Kings, aiming to comprehend the process of suppression of the goddess Asherah during the affirmation of the monotheism and the construction of the Hebrew identity throughout the Deuteronomistic redaction, between the 8th to 6th centuries BCE. In this context, the ancient kingdoms of Israel and Judah, or North and South kingdom, experienced a series of threats and deportations imposed by the Assyrian and Chaldean empires. During the two deportations, scribes and priests were concerned about the cultic blend that the Hebrews, Israelites and Judahites, were experiencing. Thereby, they registered through several texts a unified worship around the god Yahweh which strengthened the identification between those who had been deported and those who had remained in their homeland. Nevertheless, this process of affirmation of the Hebrew monotheism brought forth negative representations of divinities that coexisted among several groups in the Ancient Near East. Thus, the worship of the goddess Asherah was related in the veterotestamentarian texts to controversial figures, and the destruction of all her places of worship was encouraged. These officialized actions, through laws and punishments, affected the women of the Hebrew society. In this regard, we attempt to understand the representations of Asherah, the consequences of the restricted worship of the god Yahweh, and the subjugation of the feminine in the Hebrew tradition. In addition, for the best development of the research, the Critical-Historical Method was used to interpret the Old Testament with the theoretical support of Cultural History and Cultural Studies, through the usage of the concepts of representation, identity, and gender.

Keywords: Asherah. Deuteronomistic History. Identity. Gender. Representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONTEXTO HISTÓRICO E APRESENTAÇÃO DAS FONTES	15
1.1 O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO DO SÉCULO VIII AO VI AEC	15
1.2 INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE DEUTERONÔMIO, JOSUÉ, JUÍZES, SAMUEL E REIS	17
2 A HISTÓRIA DEUTERONOMISTA E O MONOTEÍSMO HEBRAICO	21
2.1 A REDAÇÃO DEUTERONOMISTA E O CULTO AO DEUS IAHWEH	21
2.2 AS CINCO FASES DO MONOTEÍSMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HEBRAICA	23
3 A DEUSA ASERÁ	26
3.1 PRINCIPAIS ESTUDOS E CONCLUSÕES SOBRE ASERÁ	26
3.2 REPRESENTAÇÃO DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO DEUTERONOMISTA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
DOCUMENTAIS	36
BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

É possível observar um longo processo de unificação dos cultos religiosos em torno de um deus único na tradição hebraica. Mas, para isso, foi necessária a supressão de outros deuses do Antigo Oriente em um processo de longa duração¹ que uniu imagens negativas sobre deuses do Crescente Fértil com o objetivo de construir a identidade e o monoteísmo hebraicos.

Sabendo disso, o interesse desta pesquisa é perceber tais imagens, segundo a leitura e análise do Antigo Testamento, especialmente o destaque à deusa Aserá, que é citada quarenta vezes, mencionada por meio de nomes como “Aserá”, “árvore sagrada” ou “tronco sagrado”. Entretanto, em apenas seis vezes Aserá é referida como uma deusa, enquanto em outras ocasiões é apontada como objeto de culto. Segundo Ana Luísa Alves Cordeiro (2009), as variações da palavra “Aserá” no hebraico, revela a intenção do texto, visto que o substantivo aparece no original feminino ou no masculino, singular e plural; a passagem do feminino para o masculino, a “masculinização”, indica a tentativa de apagar a memória da deusa.

Dessa forma, a principal problemática do presente trabalho é compreender os aspectos da reconstrução da deusa Aserá no Antigo Testamento, mirando o monoteísmo. Logo, será investigada a importância da representação tanto do deus hebraico, Iahweh, quanto da deusa Aserá, na construção de uma identidade hebraica, além das consequências da submissão do feminino neste processo. Para isso, será debatido o contexto da região em questão, o Antigo Oriente Próximo, no momento da redação e edição das fontes pesquisadas.

Para esta análise, foi escolhida a edição da Bíblia de Jerusalém, da Editora Paulus. A escolha por essa versão, dentre tantas outras, é apoiada na sua tradução direta dos idiomas de origem, hebraico e grego, além da presença de apêndices, notas de traduções e uma breve introdução para cada livro, o que auxilia nosso trabalho. A Bíblia de Jerusalém é uma Bíblia católica que apresenta no Antigo Testamento quarenta e seis livros, porém em versões judaicas, chamadas de Tanakh, esse número é menor, contando com apenas vinte e quatro livros. Existem ainda Bíblias protestantes que consideram o Antigo Testamento formado por trinta e nove livros, e estas versões protestantes apresentam livros diferentes das versões católicas e judaicas, como os livros de Macabeus III e IV. Estas versões possuem traduções distintas, contendo diferenças nos termos e, conseqüentemente, nas interpretações de seus escritos². Desta maneira,

¹ Entendemos como longa duração o tempo histórico de grandes amplitudes, como teorizado por Fernand Braudel (1965, p. 264). Realidades ou “estruturas” que perduram longos períodos de forma estável, e ainda que possivelmente mutáveis, apresentam mudanças lentas de poucas ou difíceis rupturas (BRAUDEL, 1965, p. 268).

² No segundo capítulo da dissertação de Ana Luísa Alves Cordeiro (2009) são apresentados vários exemplos de diferentes traduções e versões e as formas com que impactam a leitura e o entendimento do Antigo Testamento.

a Bíblia de Jerusalém dispõe de rigor nas traduções e o maior número de livros, sendo adequada para pesquisas acadêmicas.

A pesquisa também contará com vinte e quatro das quarenta menções à deusa Aserá, ou seja, com as citações presentes em três livros: Deuteronômio, Josué e Reis; ainda que a pesquisa também recaia sobre aqueles livros veterotestamentários³, que fazem parte da História Deuteronomista que são, ao todo, os livros de Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis.

A teoria da História Deuteronomista entende os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis como influenciados por um redator e, por vezes autor, que editou o livro de Deuteronômio no contexto do reinado de Josias, revisado durante os exílios impostos pelos caldeus aos hebreus (RÖMER, 2008). Em Deuteronômio, de acordo com Thomas Römer (2008), é observada uma “monolatria intolerante” que passa para um monoteísmo mais radical. Entende-se, então, que o processo de formação e a busca por uma identidade hebraica vão ao encontro da necessidade de desaparecimento de outros deuses considerados ídolos pela redação deuteronomista. Essa teoria é significativa para o contexto de consolidação do monoteísmo hebraico e formação da identidade religiosa do meio.

Cumprido destacar que as problemáticas para as quais se busca repostas, também refletem o pensamento da época atual, pois esta sociedade de herança judaico-cristã demanda estudos em volta do feminino em número cada vez maior e, principalmente, sobre o feminino e a religião. Ponderando sobre gênero e sociedade, acredita-se que uma pesquisa sobre a deusa Aserá e sua relação com mulheres hebraicas, ou inseridas na comunidade, satisfaça o interesse quanto às origens de tradições que teceram as regras e comportamentos femininos ante os grupos sociais antigos. E que ainda tanto influenciam nosso modo de vida. A partir disso, este estudo pode ser atrativo para se compreender elementos das origens de preconceitos vivenciados pelas mulheres até hoje, considerando que a atual sociedade brasileira partilha de elementos culturais advindos da tradição judaico-cristã, transmitidos no decorrer de sua duração.

Ademais, o estudo dos processos históricos de representação de Aserá, mesclando gênero e identidade nos livros veterotestamentários, é intrigante em termos de estudo historiográfico no cenário nacional, visto que os trabalhos da última década⁴ estão relacionados às áreas de Ciências da Religião ou da Teologia e, estudos sobre as escrituras bíblicas na área

³ A palavra “veterotestamentário” se refere aos elementos e livros que estão presentes no Antigo Testamento.

⁴ Como exemplos citamos a dissertação de Ana Luisa Alves Cordeiro (2009), *Recuperando o imaginário da deusa: estudo sobre a divindade Aserá no Antigo Israel*, e os artigos de Sue’Hellen Monteiro de Matos (2014) e Angélica Tostes Thomaz (2018), respectivamente: *A influência das deusas Asherah e Ishtar na construção da imagem materna de Javé em Dêutero-Isaías e Asherah, a ausência erótica de Deus*.

de História, no Brasil, oferecem um campo em ascensão. Por essa razão, serão utilizadas, em grande número, as contribuições da Teologia, devendo-se entender o desenvolvimento das pesquisas bíblicas desde o século XIX.

O século XIX trouxe grandes prosperidades e novos interesses no âmbito das ciências e, também, dos estudos bíblicos. Em um primeiro momento, tais estudos se concentraram em buscar explicações arqueológicas que provassem ou contradissem as histórias bíblicas (KAEFER, 2015) e, desde então, nota-se tanto defensores quanto críticos dentro do debate. Esses pesquisadores formaram três diferentes grupos: maximalistas, minimalistas e o alternativo.

Assim, entre os maximalistas estão aqueles que acreditavam nos textos bíblicos como a “comprovação da história”. Já entre os minimalistas, estão aqueles que não viam esses mesmos textos como uma fonte histórica confiável (KAEFER, 2015). E, a partir dessas duas discussões, surgiu um terceiro grupo, aquele que concorda com as análises críticas dos textos bíblicos e, diferentemente dos minimalistas, viam tais textos como documentos ricos em informações (KAEFER, 2015). Esse último grupo, o alternativo, aliou a crítica dos documentos e de sua narração aos artefatos encontrados pela arqueologia. É por meio dessa ligação, entre arqueologia e hermenêutica, que atualmente os principais estudos se desenvolvem.

Em torno do final do século XX, a arqueologia tinha mostrado que simplesmente havia uma quantidade demasiado grande de correspondências materiais entre os achados feitos em Israel e em todo o Oriente Próximo e o mundo descrito na Bíblia para dar a entender que a Bíblia seria [...] escrita sem qualquer base histórica. Porém, ao mesmo tempo havia contradições demais entre os achados arqueológicos e as narrativas bíblicas para dar a entender que a Bíblia provê uma descrição precisa do que realmente ocorreu (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 30).

Com base nisso, compreende-se que o Antigo Testamento é uma fonte que necessita de cuidados especiais, por ser um material de construção identitária de um povo e um texto de ordem teológica e histórica. Para isso, utilizar-se-ão debates teóricos apresentados por historiadores e o método histórico-crítico, que oferece a oportunidade de relacionar hermenêutica e exegese durante a pesquisa, diretamente com os textos veterotestamentários.

Atualmente, se convencionou chamar de exegese a busca do sentido que o autor quer exprimir a seus contemporâneos e de hermenêutica o sentido que um texto pode adquirir hoje. [...] Em si mesmas, nem a hermenêutica, nem a exegese são próprias da Bíblia. Elas se aplicam a qualquer tipo de texto e, de um modo especial, aos textos mais antigos (ALMEIDA; FUNARI, 2016, p. 48).

O método histórico-crítico utiliza, portanto, a exegese e a hermenêutica como formas de interpretação dos livros bíblicos, ou seja, relacionando seu contexto histórico de escrita com

o sentido e objetivo da redação (ALMEIDA; FUNARI, 2016). Esse método faz uso, inclusive, das considerações de outras áreas das humanas, como forma de complementar as pesquisas que utilizam tais textos como fonte. E mesmo que as críticas sobre esse método sejam consideráveis e importantes, se aceita a ideia de que o método descrito auxilia na introdução dos estudos bíblicos entre as outras áreas, além de ter contribuído em diversos pontos na exploração dos textos e discursos bíblicos (ALMEIDA; FUNARI, 2016). À vista disso, concorda-se que para o desenvolvimento e a conclusão desta pesquisa, o método histórico-crítico oferece interessantes diálogos e caminhos que podem ser associados às perspectivas de diferentes pesquisadores. Os textos demandam um cuidado especial, para o qual se propõe um método capaz de acatar essas exigências.

E para o desenvolvimento adequado do estudo, é essencial a análise teórica de alguns conceitos específicos, como forma de enriquecer a análise. Aqui serão apresentados três conceitos, a partir da leitura de autores diferentes e por meio do viés analítico da História Cultural e dos Estudos Culturais. Ao se debater identidade, serão utilizadas as ideias de Stuart Hall (2006), enquanto em representação, serão as formulações de Roger Chartier (1991), e enfim, as elucidações de Joan Scott (1995) sobre o conceito de gênero.

Isso posto, segundo Hall (2006), a identidade apresenta variações entre os sujeitos de diferentes sociedades e, por isso, o que caracteriza as identidades é o sentimento de pertencimento ao seu meio. Porém, as transformações culturais alteram as identidades dos indivíduos de uma sociedade, gerando uma “descentração” do sujeito durante essas rupturas (HALL, 2006). Assim, as identidades culturais são híbridas, ou seja, se modificam conforme o sujeito reage às diversas mudanças sociais, fazendo com que todos os indivíduos apresentem diversas identidades e não uma única (HALL, 2006). E, embora o autor discuta a identidade na modernidade tardia, como coloca, suas concepções podem ser adaptadas para a Antiguidade, pois as mudanças sociais e culturais do período eram intensas, bem como os encontros entre culturas.

Prosseguindo nos debates, pelas contribuições de Chartier (1991) com a Nova História Cultural, o conceito de representação serve ao historiador para perceber uma forma de apreender o mundo do redator da fonte histórica. Contudo, ao utilizar esse conceito, deve-se perceber a existência do real, ou seja, a representação deve ser entendida como uma visão da realidade. Dessa maneira, por meio de sua representação da realidade, o redator forja imagens em busca de dominação e poder, de forma consciente ou não (CHARTIER, 1991). Todos os documentos devem ser analisados como representações, para identificar as matrizes de

construções sociais e as disputas por poder e autoridade que são lutas tanto materiais, quanto políticas, sociais e culturais (CHARTIER, 1991).

E, por último, Scott (1995) propõe trabalhar gênero como uma categoria de análise, que consiste em entender as relações de gênero como relações de poder. Assim dizendo, “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Assim, é necessário desconstruir a ideia de homem e mulher como conceitos naturais, pois são construções históricas e culturais que participam ativamente na organização social (SCOTT, 1995).

Por conseguinte, os conceitos elaborados por Hall (2006), Chartier (1991) e Scott (1995) cabem nesta pesquisa na medida em que se parte do ponto de como o elemento da religiosidade e as representações positivas de Iahweh e negativas de Aserá eram uma forma de luta de representações, de lutas por organização do espaço social presentes nos textos do Antigo Testamento, lutas estruturadas sob as definições de gênero. Gênero, identidades, poder e lutas de representações, portanto, são pontos que devem ser compreendidos em conjunto na presente análise. Nota-se a construção de uma identidade específica e delimitada, objetivando a tradição em contraponto à identidade híbrida (HALL, 2006), além de se assimilar como um elemento generificado da cultura, foi subjugado na escrita do Antigo Testamento a partir da afirmação de um deus masculino, como forma de organização da sociedade com bases patriarcais.

E, ao mesmo tempo em que se pensa no método e nos materiais deste trabalho, também se devem considerar o contexto histórico, político e social de quando as fontes foram escritas no Antigo Oriente. Portanto, considera-se a História Deuteronomista como ponto de partida para traçar uma linha do tempo na primeira parte do primeiro capítulo, partindo do século VIII ao século VI AEC, com base nas reformas propostas pelo rei Josias até o momento das deportações das populações israelitas e judaístas. Ao passo que na segunda parte do primeiro capítulo abordam-se os cinco livros bíblicos citados anteriormente, cada qual com sua narração e redação.

A introdução dos livros de Deuterônômio a Reis será importante para que se compreenda, na primeira parte do segundo capítulo, mais detalhes sobre a História Deuteronomista e o culto ao deus Iahweh em nossas fontes. Segue-se, então, para a segunda parte do segundo capítulo quando serão identificadas as cinco fases do monoteísmo hebraico e sua relevância para a construção da identidade hebraica.

No terceiro e último capítulo serão discorridos sobre os principais trabalhos nacionais e internacionais que dissertam sobre a deusa Aserá. E, por fim, na segunda parte desse capítulo,

apresentar-se-á uma análise sobre a deusa em diferentes momentos do Antigo Testamento, como na sua representação de acordo com os redatores deuteronomistas, de maneira oposta à representação do deus dos hebreus, e nas consequências da adoração de Aserá em meio à sociedade hebraica, principalmente para as mulheres.

CAPÍTULO 1. CONTEXTO HISTÓRICO E APRESENTAÇÃO DAS FONTES

1.1 O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO DO SÉCULO VIII AO VI AEC

Com base na História Deuteronomista, entende-se o século VIII AEC como fundamental para o processo das questões envolvendo a identidade hebraica e as representações de deusas e deuses entre os israelitas e judaístas, por conta das reformas no Reino do Sul, após a queda do Reino do Norte. Este momento de fundação da identidade hebraica se estende até o século VI AEC, quando as deportações impostas pelos caldeus chegaram ao fim e as populações voltaram ao seu local original. Portanto será discorrido sobre o Antigo Oriente Próximo, entre esses séculos, mais especificamente sobre as regiões importantes para que se compreenda a relação entre os hebreus e outros povos: Mesopotâmia e a faixa Sírio-palestina, que abrigaram impérios como o Assírio, o Caldeu e o Persa, além dos reinos de Israel e Judá. E ainda que as narrações das nossas fontes abranjam um período muito maior, é de interesse apenas a temporalidade de escrita dos livros que integram a História Deuteronomista.

No Antigo Oriente Próximo, sobretudo nos séculos VIII e VII AEC, o Império Assírio dominava parte dos territórios mesopotâmicos e, no auge do seu poder, nos anos finais do século VIII AEC, especificamente em 722 AEC, as tropas assírias conquistaram o Reino de Israel e moveram parte da população para outra região do Império. O Reino do Norte, de Israel, oferecia melhores recursos e ameaças do que o Reino do Sul, de Judá e, por essa razão, foi destruído (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018). Parte da população israelita se deslocou para Judá após a conquista assíria, em especial profetas e sacerdotes; estes encontraram no Reino do Sul uma maior liberdade para seu culto exclusivo a apenas um deus (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018).

Entretanto, desde o final do reinado de Assurbanipal, o Império Assírio enfrentava várias disputas, perdas de territórios e rebeliões (BRINKMAN; SWIFT, 1992) e, após a morte do rei, no século VII AEC, a situação piorou resultando em uma maior instabilidade para o Império (BRINKMAN; SWIFT, 1992). Dessa maneira, Nabopolassar foi reconhecido rei dos babilônios, colocando um fim no Império Assírio e estabelecendo os Caldeus no poder com capital na cidade da Babilônia. O novo reinado é reconhecido como Império dos Caldeus ou Império Neobabilônico.

Durante o curto período em que os Caldeus assumiram a Assíria (menos de um século), várias medidas foram tomadas por Nabucodonosor II, filho de Nabopalassar, para recuperar os territórios perdidos, como excursões militares ao leste, na Síria e na Palestina, e novas

deportações (MITCHELL, 1992). Após estas conquistas, o Império Caldeu passou por um momento de estabilidade, produzindo grandes construções como o palácio real e o zigurate a Marduk⁵, na Babilônia.

Nesse momento de mudanças significativas, destaca-se a deportação, em 587 AEC, que nas fontes de pesquisa é chamada de exílio, imposta à elite do Reino de Judá. Pois a partir da queda do Reino de Israel, Judá transformou-se em uma ameaça, quando seus recursos aumentaram. Essa deportação trouxe aos hebreus, tanto à elite que foi afastada quanto aos que permaneceram em seu local de origem, a necessidade de retomada das histórias que unificassem a população, relacionando-as às suas terras e sua religiosidade.

Jerusalém [...] consegue transformar o exílio babilônico e a perda de identidade política em uma alavanca para fortalecer a identidade nacional sobre uma base religiosa, transmitindo-nos depois um *corpus* de textos genericamente religiosos como um produto de seu esforço de reescrever a própria história em função da difícil situação final (LIVERANI, 2016, p. 560).

Foi essa necessidade de ressaltar e mesmo de construir uma identidade em comum, que estimulou os redatores deuteronomistas. Assim, compreende-se que a História Deuteronomista teve suas bases fixadas em um momento posterior à queda do Reino do Norte, durante as reformas de Judá até o momento de sua conquista, deportação e retorno.

A instabilidade do Império Caldeu iniciou a partir da morte de Nabucodonosor, quando quem assumiu foi Nabonido e, entre as várias reformas que esse último governante impôs, uma das mais significativas foi a reforma religiosa⁶, desagradando àqueles que seguiam fiéis a Marduk. Ele também se estabeleceu fora da cidade da Babilônia, em Teima na Arábia, contrariando ainda mais a população (LIVERANI, 2016). Nesse mesmo momento, os persas avançavam, conquistando cada vez mais cidades caldeias até Ciro, o Grande, tomar o poder (LIVERANI, 2016), consolidando o Império Persa, ou Aquemênida.

Com o fim do Império Neobabilônico, as populações deportadas dos Reinos de Israel e Judá voltaram para seus locais de origem. Contudo, o regresso das populações deportadas trouxe também uma nova terminologia para essas pessoas. A partir daquele momento “[...] o reino de Judá passa a chamar-se *Jehud* – o nome aramaico da província, durante o Império Persa

⁵ Marduk é considerado o principal deus da Babilônia, e seu mito é descrito no épico *Enuma Elish* através da história entre o embate de Marduk com a deusa Tiamat (AYALI-DARSHAN, 2015).

⁶ Durante a reforma religiosa, Nabonido destacou o culto ao deus sumério Sin, ou Nana, restaurou o templo deste deus em Ur e não celebrou a importante festa de Ano Novo relacionada ao deus Marduk na Babilônia (LIVERANI, 2016, p. 723-724).

– e o povo de Judá, os judaítas, passariam a ser conhecidos como os *Jehudim* ou judeus.” (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 301).

Portanto, é importante destacar que as fontes consultadas, os livros veterotestamentários entre Deuteronômio e Reis, foram escritas e editadas no período entre o final do século VIII AEC ao final do século VI AEC, quando os Reinos de Israel e Judá passaram por diferentes domínios, dos assírios, dos caldeus e dos persas, e também por diferentes denominações, de israelitas e judaítas para judeus. Para além disso, os sacerdotes do norte, deslocados para o sul, encontraram em Judá a possibilidade de desenvolver, com maior complexidade e liberdade, o culto em torno de apenas uma divindade.

1.2 INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE DEUTERONÔMIO, JOSUÉ, JUÍZES, SAMUEL E REIS

Como é parte importante a contextualização geral do Antigo Oriente, na temporalidade em que é trabalhada, também é essencial a descrição e narração das fontes e as particularidades que fizeram com que esses livros veterotestamentários fossem escolhidos dentre tantos outros. Sendo assim, será explicado o conteúdo geral de cada um dos livros escolhidos e suas principais características, sendo que algumas dizem respeito à situação de culto nos Reinos de Israel e Judá. E mesmo que as menções à deusa Aserá estejam presentes em apenas três desses livros, deve-se entender o contexto de todos os cinco para a apresentação da análise sobre a História Deuteronomista e a forma com que essa teoria influenciou as informações sobre as divindades do Antigo Testamento.

Destaca-se que as cinco fontes do presente trabalho foram escritas ao longo de três séculos, embora os livros restantes do Antigo Testamento foram escritos em sua totalidade durante um processo mais longo, alguns anteriores, ainda que majoritariamente posteriores ao tempo histórico abordado pela pesquisa. Diversas histórias veterotestamentárias derivaram de tradições orais que perpetuavam as lendas sobre a formação de Israel, reino do Norte e do Sul, e outras surgiram na medida em que os hebreus entravam em contato com outros povos da região e fortaleciam sua identidade (LIVERANI, 2014). Como é o caso da primeira parte do Antigo Testamento, chamada de Pentateuco, que foi compilada a partir dos escritos e edições de diferentes redações, como a sacerdotal, a javista, a eloísta e a deuteronomista, que foram redigidas a partir da necessidade de construção e afirmação de uma história única de Israel com início no final do século VIII AEC ou no início do século VII AEC (LIVERANI, 2014). Portanto, os livros do Antigo Testamento apresentam diferentes narrações, de diferentes autores

ou editores, apesar de algumas tradições religiosas atuais considerarem o Antigo Testamento resultado de apenas um homem, Moisés. Deste modo, a presente pesquisa se concentra em uma redação específica, a redação deuteronomista.

Nossa introdução inicia-se por Deuterônimo, que é o quinto e último livro do Pentateuco. Nesse livro são apresentados os discursos de Moisés antes de morrer, bem como a síntese das leis do deus Iahweh para seu povo, chamado de código deuteronomico, ou segunda lei. Esse código é especialmente importante para que se entenda a relação entre o deus dos hebreus e outros deuses do Antigo Oriente citados nas fontes. Atentando-se para o objetivo do livro, de lembrar a aliança com os hebreus e reforçá-la, observa-se no código, algumas leis específicas em torno dos cultos aos deuses cananeus. Como no capítulo 12, em que Iahweh se torna o deus oficial dos hebreus, quando ficam proibidas outras idolatrias e cultos.

Uma especificidade do Deuterônimo é a presença de dois narradores distintos, o primeiro sendo Moisés e o segundo sem uma identificação exata. Dessa maneira, o narrador desconhecido será o responsável por continuar os relatos nos próximos livros, contando as consequências das desobediências do povo em relação ao código deuteronomico.

Na realidade, então, o profeta “como” Moisés é o narrador da História Deuteronomica ou, mais precisamente, aquela presença autoral no texto que os eruditos personificam como “o Deuteronomista”. É ele quem usa as palavras diretas de Moisés para explicar mediante um código de lei exortativo as implicações de longo alcance no Decálogo; em um círculo que se amplia, esse mesmo “autor” logo estará usando as palavras diretas de seu narrador para explicar em uma história exemplar as implicações de longo alcance daquele código de lei (POLZIN, 1997, p. 111).

Esse narrador, portanto, é o “Deuteronomista”, e quando o livro de Deuterônimo é dividido entre capítulos que se referem ao passado e outros ao futuro (POLZIN, 1997), temos uma síntese dos acontecimentos que serão relatados entre os livros de Josué e II Reis. O livro é encerrado, então, com a morte de Moisés e com a chegada do povo de Israel à terra prometida.

A segunda fonte, o livro de Josué, inicia a segunda parte do Antigo Testamento, chamada de Livros Históricos. A história continua com o povo sendo liderado por Josué e não mais por Moisés, conquistando as terras que lhe foram prometidas por seu deus. São várias as batalhas descritas até a total tomada da região desejada. E, após a divisão da terra entre as doze tribos de Israel⁷, da mesma forma como termina Deuterônimo, ao final o líder morre, nesse caso Josué.

⁷ As doze tribos de Israel são explicadas no livro de Gênesis, são os doze filhos de Jacó/Israel. Originalmente os filhos eram Ruben, Simeão, Levi, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, José e Benjamim. Contudo, a tribo de Levi não recebeu terras como herança, mas sim serviços relacionados aos templos. E a tribo de José é

Na sequência, tem-se o livro de Juízes, o segundo dos Livros Históricos. Após a divisão em doze das terras conquistadas, os hebreus não respeitaram as leis de Iahweh e como punição, não haveria união e liderança em seus territórios. A cronologia desse livro não segue uma ordem como os outros, pois aqui temos a narração da história de diferentes juízes, que seriam diferentes salvadores e pequenas lideranças com intervalos de tempo entre eles. Nesse livro foram contados os feitos de doze juízes, divididos entre maiores e menores, são eles: Otoniel, Aod, Débora, Barac, Gedeão, Jefté, Sansão, Samgar, Tola, Jair, Abesã, Elon e Abdon. São contados apenas doze juízes pois as histórias de Débora e Barac são unificadas.

Como coloca sinteticamente David Miller Gunn (1997), os livros de Josué e Juízes narram a entrada e a ocupação da terra prometida. Enquanto em Josué o relato tem um tom de prosperidade, em Juízes o processo é mais lento, com certos infortúnios e perdas (GUNN, 1997). Apenas em Juízes há menções à deusa Aserá. Contudo, há importantes elementos que serviram aos redatores deuteronomistas em Josué e necessitam ser lembrados; elementos que serão analisados no próximo capítulo.

Após Juízes, apresenta-se o livro de Samuel, que durante as traduções e diferentes versões do Antigo Testamento foi dividido. O Primeiro Livro de Samuel inicia com a história de vida daquele que dá nome ao livro, um sacerdote que governou os hebreus ao final do período dos juízes até o início do reinado de Saul, o primeiro rei. Entretanto, depois de múltiplas falhas de Saul, a liderança é assumida por Davi. À vista disso, o Segundo Livro de Samuel relata o reinado de Davi, bem como o fortalecimento do Reino de Israel e, ao final, a sucessão do trono em favor de seu filho Salomão.

O reinado de Davi é considerado o momento da união das tribos hebraicas, sob um único governante, portanto, chama-se o período de monarquia unida. E esse é o principal tema do livro: a formação da monarquia, que se relaciona também com os conflitos entre as três figuras principais de Samuel, Saul e Davi (ROSENBERG, 1997). Nesse livro, assim como em Josué, não há trechos sobre Aserá, porém a monarquia e a importância do culto a um deus único influenciou fortemente os próximos livros. Os livros de Samuel simbolizam a unidade cultural dos reinos de Israel e Judá, que foi afirmada durante as deportações na Babilônia (ROSENBERG, 1997).

Por último, encerrando os Livros Históricos, cita-se o livro de Reis que, assim como Samuel, também foi dividido. No Primeiro Livro de Reis há o relato do reinado de Salomão, incluindo a construção do templo de Jerusalém e o constante contato do rei com estrangeiras e

dividida entre seus dois filhos, Efraim e Manassés. Portanto, a divisão de terras deve ser considerada após essas modificações, ainda que não altere o número doze.

com diferentes cultos, o que resulta na divisão do reino em dois como punição para as desobediências do rei. A partir desse ponto faz-se alusão ao Segundo Livro de Reis, que apresenta um por um os reis de Israel, em paralelo com os reis de Judá até os momentos de suas respectivas deportações.

Uma característica desse livro é o enfoque na situação de culto durante o reinado de cada um dos reis, muito mais intenso do que outros livros.

Cada rei é julgado [...] conforme ele tenha ou não “agido bem” ou “agido mal” aos olhos do Senhor. A avaliação não reflete a prosperidade da nação, o sucesso ou fracasso do rei na guerra ou o clima moral da época, mas sim o estado do culto durante seu reinado. [...] Tão importante é esse critério que mesmo uma avaliação positiva pode sofrer restrições pela incapacidade do rei de livrar-se da adoração em altares fora de Jerusalém (SAVRAN, 1997, p. 161-162).

Esses livros, além de evidenciarem o julgamento moral de seus reis, também citam outros documentos importantes para entender cada um dos reinados (SAVRAN, 1997), como os Anais dos reis de Israel e de Judá. Deixando claro na redação que foram feitas escolhas daquilo que seria narrado para a construção das condutas ideais que israelitas e judaítas deveriam se basear. Assim, os livros de Reis são de grande importância para a análise final, pois com a tendência ao julgamento segundo a situação de culto, podemos observar um número maior de citações sobre Aserá. Ao todos, esses dois livros contam com um total de dezesseis referências à deusa, que serão discutidas no terceiro capítulo.

Logo, em resumo⁸, o livro de Deuteronômio define aquilo que será abordado nos Livros Históricos. Posteriormente em Josué, o legado de Moisés é mantido até o momento em que toda a terra prometida é conquistada. Ao passo que em Juízes, percebe-se que essa conquista não é um sucesso completo e que os hebreus mantém contato direto com outros povos e crenças. Em seguida, no livro de Samuel essa ordem política de juízes-profetas como líderes é alterada e inaugura-se o período da monarquia unida. Finalmente, em Reis, com o reino dividido em dois, expõem-se todos os reis que sucederam Salomão e seus feitos religiosos até o momento das deportações compulsórias do Império Caldeu. Em vista disso, uma vez que o contexto de cada livro foi discutido, o capítulo seguinte dissertará sobre quais princípios do Código Deuteronômico são passados adiante.

⁸ Foi discorrido sobre os livros em uma ordem de sucessão de fatos e histórias, mesmo que dentro desses livros a disposição possa não ser compreendida pelo leitor.

CAPÍTULO 2. A HISTÓRIA DEUTERONOMISTA E O MONOTEÍSMO HEBRAICO

2.1 A REDAÇÃO DEUTERONOMISTA E O CULTO AO DEUS IAHWEH

Como visto anteriormente, a contextualização histórica do momento de escrita das referidas fontes possibilita o reconhecimento dos motivos que incentivaram os deuteronomistas a redigir os livros de Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis. Em resumo, com a queda dos reinos do Sul e do Norte e a com a ameaça externa advinda dos grandes impérios, era necessária uma unificação entre os habitantes que continuaram em Israel e Judá e aqueles que foram exilados. Esse processo foi fixado por meio da redação deuteronomista, ou seja, por meio de um grupo de escribas que definiram as regras de culto dentro de um compilado de textos que deu origem ao Antigo Testamento. Pretende-se aqui discutir a História Deuteronomista, bem como observar, por meio das fontes, as peculiaridades dessa redação e do culto que ela propõe.

A teoria da História Deuteronomista foi definida por Martin Noth na década de 1940 e não é aceita pelas religiões que atualmente utilizam o Antigo Testamento como texto sagrado. Anterior a Noth não havia uma nomenclatura específica para a teoria, portanto ele aperfeiçoou e nomeou um conjunto de ideias definindo as suas bases de estudos (RÖMER, 2008), sendo, por isso, lembrado quando se fala de História Deuteronomista. Entretanto, atualmente utiliza-se as ideias de Noth em conjunto com ideias de pesquisadores posteriores.

A História Deuteronomista considera que uma escola de pensamento constituiu narrativas específicas em torno de alguns objetivos pré-definidos, durante um período que se estende do governo de Josias até o fim do exílio imposto ao reino de Judá, aproximadamente entre os anos de 640 a 538 AEC (LIVERANI, 2014). Nesses textos, há elementos e ideais do Código Deuteronômico (DEUTERONÔMIO, capítulos 12-26) que passaram para os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis. E alguns desses elementos são: a centralização do culto a Iahweh e no templo de Jerusalém; a conquista e o uso da terra de Canaã pelos hebreus em troca de obediência a Iahweh; o combate à adoração de outros deuses; a monarquia escolhida por Iahweh e expressões específicas utilizadas no código que se mantêm nos outros livros (SILVA, 2012). Como exemplo do primeiro elemento, a centralização do culto em torno de Iahweh e no lugar escolhido por ele, temos:

Devereis destruir todos os lugares em que as nações que ireis conquistar tinham servido aos seus deuses, sobre os altos montes, sobre as colinas e sob toda árvore verdejante. Demolireis seus altares, despedaçareis suas estelas, queimareis seus postes sagrados e esmagareis os ídolos dos seus deuses, fazendo com que o nome deles desapareça de tal lugar. Em relação a Iahweh vosso Deus não agireis desse modo. Pelo

contrário: buscá-lo-eis somente no lugar que Iahweh vosso Deus houver escolhido, dentre todas as vossas tribos, para aí colocar o seu nome e aí fazê-lo habitar (DEUTERONÔMIO, capítulo 12, versículos 2-5).

O povo, porém, respondeu a Josué: “Não! É a Iahweh que serviremos”. Disse então Josué ao povo: “Sois testemunhas contra vós mesmos de que escolhestes a Iahweh, para o servir”. Responderam então: “Somos testemunhas” [...] O povo disse a Josué: “A Iahweh nosso Deus serviremos e à sua voz obedeceremos” (JOSUÉ, capítulo 24, versículos 21-22 e 24).

O primeiro trecho apresenta a lei que discute sobre contato com povos vizinhos e adoração de deuses externos, definindo que o culto ao deus Iahweh deveria ocorrer somente em locais específicos. Enquanto na segunda passagem, que é relacionada à lei anterior, é apresentada a declaração dos hebreus, ao chegar à terra prometida, de que as vontades de seu deus serão feitas. Porém, o livro de Deuteronômio também prevê castigos àqueles que não cumprirem as leis sobre obediência e adoração de Iahweh, o que posteriormente aparecem em outros livros:

Se em teu meio, numa das cidades que Iahweh teu Deus te dará, houver algum homem ou mulher que faça o que é mau aos olhos de Iahweh teu Deus, transgredindo sua Aliança para servir a outros deuses e prostrar-se diante deles - diante do sol, da lua ou de todo exército do céu, - o que eu não ordenei; se isto for denunciado a ti, ou se tu o ouvires, primeiro farás uma acurada investigação. Se for verdade, se for constatado que tal abominação foi cometida em Israel, então farás sair para as portas da cidade o homem ou mulher que cometeu esta má ação, e apedrejarás o homem ou mulher até que morra (DEUTERONÔMIO, capítulo 17, versículos 2-5).

Judá tampouco guardou os mandamentos de Iahweh seu Deus; seguiu os estatutos que Israel praticava. Por isso, Iahweh rejeitou toda a raça de Israel, humilhou-a e entregou-a aos saqueadores, e enfim baniu-a para longe de sua face. [...] até que finalmente Iahweh baniu Israel de sua presença, como o havia anunciado por intermédio de seus servos, os profetas; deportou Israel para longe de sua terra, para a Assíria, onde está até hoje (II REIS, capítulo 17, versículos 1-20 e 23).

Em Deuteronômio são apresentadas algumas possíveis punições para cada conduta repreensível pelos textos, como visto na primeira citação: apedrejamento por culto a outros deuses. E uma das respostas a essa lei, das punições, é a justificativa da redação para as deportações sofridas pelo reino de Israel e, mais tarde, de Judá. A explicação seria que Iahweh expulsou israelitas e judaítas da terra prometida pelas constantes faltas ao deus, como no segundo excerto.

Destaca-se que o Antigo Testamento não considera a relevância de cada reinado diante de outros reinos e impérios do entorno, desta maneira somente a situação do culto é avaliada, acompanhada pela expressão “fez bem ou mal diante dos olhos de Iahweh”, que está presente ao longo de nossas fontes. Desta maneira, alguns reinados israelitas com grandes conquistas, construções, exércitos e alianças, foram incluídos em outras fontes no Antigo Oriente, porém

na redação deuteronomista não são glorificados por apresentarem grande mescla cultural e adoração a outros deuses (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018).

Portanto, entende-se que os deuteronomistas redigiram os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis com base no código deuteronomico. E no livro de Deuterônomo a maioria das leis gira em torno das obediências, graças e maldições possíveis de serem dadas por Iahweh ou por sua causa. Percebe-se que mesmo que algum reinado tenha obtido grandes sucessos, os redatores não transmitiram isso aos textos, pois sua intenção é voltada apenas ao estado de culto dos reinos de Israel e Judá.

2.2 AS CINCO FASES DO MONOTEÍSMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HEBRAICA

A grande atenção pela situação do culto do Antigo Testamento facilita o reconhecimento das cinco fases de afirmação do monoteísmo hebraico. Para atingir o objetivo de adoração de um deus único, Iahweh, foi utilizada a conexão entre hebreus e os antigos patriarcas bíblicos. Logo, as fases do monoteísmo serão apontadas para depois entendermos a relação entre monoteísmo, identidade e gênero na tradição hebraica.

Segundo Haroldo Reimer (2009), o monoteísmo foi se desenvolvendo ao longo de cinco fases, que são elas: sincretismo pacífico entre El e Iahweh, conflitos com Baal, ênfase na adoração exclusiva de Iahweh, reforma de Josias e o monoteísmo “nacionalista”⁹, e monoteísmo absoluto ou clássico. Os indícios de todas essas fases são encontrados nas fontes de pesquisa, principalmente pela narrativa deuteronomista abranger um período muito maior do que aquele de seu presente.

A primeira fase, do sincretismo entre El¹⁰ e Iahweh, é observada na primeira parte do Antigo Testamento, no Pentateuco, quando a adoração de outros deuses e de Iahweh acontecem simultaneamente (REIMER, 2009). Já a segunda fase, conflitos com Baal¹¹, é notável quando são feitos esforços para que somente Iahweh seja cultuado, mas o seu culto ainda convive em

⁹ Aqui entendemos o termo “monoteísmo nacional” como o culto obrigatório entre judaítas ao deus Iahweh no governo de Josias, apoiado por leis diretas do Código Deuteronomico e não apenas incentivadas pela crença do rei. Porém, não concordamos com o termo “nacional” utilizado pelo autor para se referir ao monoteísmo no governo do rei Josias e ao deus Iahweh como o “Deus nacional de Israel” (REIMER, 2009, p. 47).

¹⁰ O Antigo Testamento cita vários deuses, e povos ao seu redor com o termo genérico “cananeus”, logo, da terra de Canaã, a fim de diferenciá-los dos hebreus e de seu deus. E os deuses da cidade de Ugarit, na atual Síria, são frequentemente referenciados nas fontes como o deus El, que é o deus supremo do panteão ugarítico. Descrito como sábio, antigo e o criador de todos os deuses (DAY, 2002).

¹¹ Baal faz parte do panteão ugarítico, é um deus cósmico e filho de El (DAY, 2002). Também é a principal divindade do Ciclo de Baal, uma série de textos sobre a vida e morte do deus Baal que também descreve outros deuses do mesmo panteão (AYALI-DARSHAN, 2015).

meio a outros (REIMER, 2009). E como exemplo, há um profeta no livro de Reis, Elias, que desafia sacerdotes de outros deuses para provar a superioridade de seu deus. Ao passo que a terceira fase, ênfase no culto de Iahweh, é verificada quando o culto ao deus Iahweh e a destruição de outros altares são incentivados de forma oficial pelos reinos do sul e do norte, principalmente sob o comando do rei Ezequias no livro de Reis, e são impostos castigos para aqueles que não seguem Iahweh (REIMER, 2009).

A partir da quarta fase, reforma de Josias e o monoteísmo “nacionalista”, pode-se associar o grupo deuteronomista com o monoteísmo hebraico, afinal, neste momento surgiu a necessidade de unificação e identificação por conta das deportações. Nesta fase o Código Deuteronomico foi imposto pelo rei Josias como base legal em Judá e, mesmo assim, os cultos a outros deuses seguiam fortes (REIMER, 2009). Nesse Código, a constatação do monoteísmo hebraico está presente em uma oração chamada de Shemá: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu deus com todo teu coração, com toda a tua alma e com toda tua força” (DEUTERONÔMIO, capítulo 6, versículos 5-6).

Então, a quinta e última fase, monoteísmo absoluto ou clássico, é fixada quando a população exilada retorna para seu local de origem e escreve/edita os textos veterotestamentários. Reimer (2009) afirma que nesse momento, os mitos babilônicos foram adaptados para serem utilizados em Judá e para atestarem os poderes de Iahweh; também que o monoteísmo foi afirmado pelo culto a Iahweh, especificamente em Jerusalém, e por sacerdotes homens; e, que quaisquer outras divindades foram suprimidas e receberam representações negativas nos escritos hebraicos.

Isto posto, o processo identitário que diferenciou israelitas e judaítas dos outros povos do Antigo Oriente foi construído na escrita deuteronomista, proporcionado pela intensa troca cultural com outros povos da mesma região. Pois em um momento anterior à redação deuteronomista, a identidade hebraica era definida pela principal divindade cultuada, nesse caso Iahweh, e pelos laços de parentesco entre as “tribos” (ZABATIERO, 2006). Contudo, após os exílios, a identificação passou a girar em torno, também, de pertencer a um mesmo grupo e região, Israel, além de cultuar um deus único, sem aceitar outros do seu entorno (ZABATIERO, 2006). Assim, é feita a distinção entre aqueles pertencentes a Israel, que cultuavam Iahweh e descendiam de várias tribos com uma mesma origem, e aqueles que eram “cananeus”, cultuavam vários deuses e não tinham um ancestral em comum.

Nesse contexto de afirmação do monoteísmo hebraico e da identidade hebraica, é notória a invocação de Iahweh como “Deus-Pai” de todos os patriarcas de Israel, e mesmo que na redação deuteronomista Iahweh seja aos poucos destituído de suas características

antropomórficas e corpóreas, ainda é uma divindade masculina (THOMAZ, 2018). Esse ponto reflete na questão do feminino na tradição hebraica quando, após o exílio, é imposto um ideal de puro e impuro que definiu os participantes do sacerdócio de Iahweh e a relação de todos com o feminino:

Quando, durante o exílio, o sacerdócio tornou o sistema de “puro vs. impuro” a base de uma nova ordem cultural, devem ter surgido, mudanças drásticas para as mulheres. A partir de então, principalmente mulheres na faixa etária fértil são limitadas drasticamente em sua aptidão para o culto, porque cada menstruação e cada parto as tornam impuras por alguns dias ou por dois meses e, com isso, as excluem da visita ao santuário. [...] A possibilidade de seguidoras de YHWH participarem ativamente do culto de seu Deus foi, portanto, muito restrita (SCHROER, 2008, p. 147).

Assim sendo, na citação acima, a pesquisadora explica que cria-se um ambiente favorável para a adoração de divindades femininas entre as mulheres hebraicas, pois seus corpos são vistos como impuros pela religiosidade e então os sacerdotes de Iahweh passam a ser majoritariamente homens. Do mesmo modo, interpreta-se que o monoteísmo e a identidade hebraica em torno de um deus masculino diminuiu a identificação das mulheres, que passaram a ser impuras, com esse deus, quando não poderiam seguir com suas práticas, não realizadas apenas por mulheres, mas principalmente (SCHROER, 2008). Uma dessas práticas proibidas é descrita no livro de Samuel através da história da feiticeira de Endor, que foi consultada pelo rei Saul a fim de entrar em contato com o profeta Samuel no mundo dos mortos. Quando Saul indagou seus servos sobre a necromancia, fica subentendido que a prática era desenvolvida, predominantemente, por mulheres, pois ele pede precisamente por uma: “Buscai-me uma mulher que pratique a adivinhação para que eu lhe fale e a consulte” (I SAMUEL, capítulo 28, versículo 7). A partir de agora, o presente trabalho explorará a relação entre uma divindade feminina específica, Aserá, e as mulheres inseridas na sociedade hebraica.

CAPÍTULO 3. A DEUSA ASERÁ

3.1 PRINCIPAIS ESTUDOS E CONCLUSÕES SOBRE ASERÁ

As pesquisas sobre a deusa Aserá se desenvolvem desde o final do século XIX. Neste primeiro momento, ela foi estudada, unicamente, com base nos escritos veterotestamentários e relacionada à outra deusa presente no Antigo Testamento, Astarte¹². Entretanto, a partir de descobertas arqueológicas nas décadas de 1920 e 1970 houve um aumento das investigações sobre a deusa Aserá. As excursões arqueológicas em Ras Shamra, Kuntillet Ajrud e Khirbet el-Qom, respectivamente localizadas na Síria, no Egito e na Cisjordânia, foram responsáveis por introduzir novos deuses e movimentar os trabalhos de suas épocas. Assim, a deusa Aserá foi associada à deusa ugarítica Athirat, e também entendida como consorte do deus dos hebreus, Iahweh, em outro contexto que não o Antigo Testamento. Em vista disso, pretende-se apresentar os estudos mais relevantes sobre a deusa Aserá, além de informações adicionais sobre as outras deusas, comparadas a ela.

No século XIX, por via de regra, o Antigo Testamento era aceito como verdade incontestável, logo, elucidações em torno do nome Aserá eram resultado apenas das passagens veterotestamentárias sobre ela. Os questionamentos sobre a historicidade bíblica surgiram como consequência dos achados materiais do século XX e, desta maneira, os debates do século XIX eram sobre a palavra Aserá ser um objeto de culto ou a mesma deusa referenciada como Astarte nos livros veterotestamentários. Como exemplo, cita-se um dos grandes nomes no estudo de religiões da época, William Robertson Smith que, em seu trabalho *Lectures on the Religion of the Semites*, de 1889, apresentou Aserá e Astarte como sinônimos (WIGGINS, 2007). Outros estudos apontaram a maneira com que a palavra Aserá aparece no hebraico: um substantivo feminino que, quando modificado para o plural, algumas vezes aparece no masculino; quanto a tal questão, ressalta-se o livro de Abraham Kuenen, de 1874, intitulado, *The Religion of Israel to the Fall of the Jewish State* (WIGGINS, 2007).

As pesquisas prosseguiram na mesma linha no início do século XX, com textos bíblicos como base. Porém, em 1929, Claude Schaefer iniciou as escavações na antiga cidade de Ugarit¹³, atual Ras Shamra, onde mais de 1500 textos em fragmentos de argila foram

¹² Astarte é deusa da cidade de Sidon, atualmente no Líbano. É uma deusa da guerra e aparece em vários materiais arqueológicos do Antigo Oriente Próximo e do Antigo Egito (DAY, 2001).

¹³ Sobre Ugarit e sua importância para o estudo de religiosidades sugerimos o artigo de Rogério Lima de Moura, de 2016: “A Cidade de Ugarit: Contribuições para o Estudo da Religião do Antigo Israel”.

descobertos, entre eles o compilado conhecido por Ciclo de Baal, datado aproximadamente entre os séculos XIV ao XII AEC. O ciclo apresenta histórias sobre o deus Baal, importante figura da mitologia ugarítica, e algumas histórias fazem menções à deusa Athirat, por meio de seu nome ou de nomenclaturas e títulos.

Após tais descobertas, uma série de livros e teses surgiram, compreendendo a Aserá do Antigo Testamento e a Athirat dos textos ugaríticos como uma mesma deusa. Aqui, mencionam-se as teses de William LaForest Reed e Tadanori Yamashita, sendo que o primeiro autor, com um livro intitulado *The Asherah in the Old Testament*, de 1949, se concentra nas características bíblicas de Aserá, enquanto o segundo, com sua tese *The Goddess Asherah*, de 1964, explora a figura ugarítica de Athirat e outras evidências fora do Antigo Testamento (WIGGINS, 2007).

Avançando para a década de 1970, outras duas escavações revelaram-se importantes para o entendimento da figura de Aserá entre os hebreus. Em Kuntillet Ajrud e Khirbet el-Qom, foram encontrados fragmentos e vasos dos antigos Reinos de Israel e Judá, entre o século IX até meados do século VI AEC, que exibem inscrições polêmicas. Tais escritos possibilitaram o entendimento da deusa Aserá como consorte do deus Iahweh. As inscrições de bênçãos, em nome de “Iahweh de Samaria e sua Asherah” e outra de “Iahweh de Teman e sua Asherah”, incitaram novamente múltiplas discussões entre acadêmicos, sobre a existência de uma deusa consorte ou apenas de um objeto de culto pela tradução ambígua do pronome “sua”¹⁴ (STUCKEY, 2004).

Além disso, a década de 1970 foi importante no que diz respeito à deusa por conta das preocupações em torno do feminino. Estudos de teologia feminista, bem como a possibilidade de Aserá ser consorte de Iahweh, embasada nas escavações, inovaram nas Ciências da Religião e na Teologia. O resultado deste momento de abertura reflete-se no trabalho de Judith Marie Hadley, de 1989, no qual ela propõe ampliar as discussões sobre o Antigo Testamento, com base nos materiais encontrados com as inscrições de Iahweh e Aserá (WIGGINS, 2007).

A partir de 1980, os trabalhos multiplicaram-se rapidamente. E, a partir de 1990, certos autores se tornaram clássicos em relação aos estudos recentes sobre Aserá; entre eles, tem-se Mark Stratton Smith (1990) e Tilde Binger (1997). Smith, em *The Early History of God: Yahweh and the Other Deities in Ancient Israel*, analisou Aserá na região Sírio-Palestina, averiguando outras formas de religiosidades. Binger, por outro lado, no seu livro *Asherah: Goddess in Ugarit, Israel and the Old Testament*, resultado de sua tese de doutorado, discutiu

¹⁴ Em inglês, a discussão recai entre os pronomes possessivos “its” e “his”.

a figura de Aserá em três panteões: no de Ugarit; no Antigo Reino de Israel; e no Antigo Testamento. Sua análise conta com auxílio da Arqueologia, da Filologia e da História.

Até a década de 1990 a tendência dos pesquisadores era de apreender as três divindades como uma única. E ao se atentar para o texto de Binger (1997), vemos que esta autora segue as convenções de sua época e utiliza a nomenclatura Aserá para se referir igualmente às deusas de Ugarit, dos achados materiais dos antigos reinos de Israel e Judá e do Antigo Testamento. Apesar disso, em suas considerações finais, Binger (1997) aponta as três deusas como divindades distintas com algumas características semelhantes nos três panteões estudados:

A única conclusão possível para isso é que o nome ou o título divino - seja ele Asherah, Baal ou Yahweh - não pode nos dar nenhum tipo de certeza de que estamos lidando com o 'mesmo deus ou deusa', nem mesmo dentro do que vemos como a mesma cultura ou o mesmo contexto histórico. Um nome teofórico - por exemplo, 'Abdi-Asirta' - não precisa estar se referindo à mesma deusa em duas culturas vizinhas, e não há uma maneira possível de determinar que o mesmo nome teofórico utilizado por duas pessoas que vivem na mesma cidade no mesmo tempo está de fato se referindo ao mesmo deus ou deusa. Se uma das pessoas com o mesmo nome tivesse um "estrangeiro" como um de seus pais, então esses "mesmos nomes" poderiam estar se referindo a deuses ou deusas cujas funções eram totalmente diferentes. (BINGER, 1997, p.147, tradução livre¹⁵)

Logo, as três figuras exibem nomes parecidos e são de regiões vizinhas, contudo não se pode afirmar que as divindades dos três momentos são uma única deusa. Mesmo aquela no Antigo Reino de Israel e a do Antigo Testamento ostentam características diferentes, apesar do nome.

Prosseguindo para a década de 2000, John Day, em 2001, publicou *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*. No livro, o deus Yahweh é a essência, sua imagem é examinada em comparação com outras divindades, principalmente do panteão ugarítico, onde se depara com Athirat. E outro livro de grande importância é *A Reassessment of Asherah, With Further Considerations of the Goddess*, de Steve A. Wiggins (2007). Primeiramente, publicado em 1993 como uma tese de doutorado, Wiggins explora de maneira intensa os materiais já produzidos sobre a deusa, concentrando-se em autores clássicos após as descobertas da década de 1970. Portanto, sua contribuição permitiu uma flexibilidade no conhecimento sobre as pesquisas em

¹⁵ No original: “The only possible conclusion to this is that the divine name or title - be it Asherah, Baal or Yahweh - can give us no kind of certainty that we are dealing with the 'same god or goddess', not even within what we see as the same culture or the same historical context. A theophoric name - for example, 'Abdi-Asirta' - need not be referring to the same goddess in two neighbouring cultures, and there is no possible way of ascertaining that the same theophoric name borne by two people living in the same city at the same time is indeed referring to the same god or goddess. If one of the people bearing the same name had a 'foreigner' as one of her or his parents, then these 'same names' could be referring to gods or goddesses whose functions were entirely different” (BINGER, 1997, p.147).

torno de Aserá. Durante a revisão, ele acrescentou informações sobre a deusa em suas formas antigas e na maneira como ela aparece em trabalhos contemporâneos, como na tese de Binger.

Com relação aos trabalhos no Brasil, a temática é recente. Ana Luísa Alves Cordeiro, em sua dissertação de Mestrado, de 2009, *Recuperando o Imaginário da Deusa: Estudo Sobre a Divindade Aserá no Antigo Israel*, traz uma vasta discussão sobre Aserá em português. O destaque de sua investigação é a análise de passagens do Antigo Testamento e da palavra “Aserá” em diferentes citações. E alguns artigos sobre a divindade foram publicados em revistas brasileiras por Sue’Hellen Monteiro de Matos (2014) e Angélica Tostes Thomaz (2018), embora não somente por essas acadêmicas; ambos os artigos comentam a influência de Aserá perante Iahweh. O primeiro, *A Influência das Deusas Asherah e Ishtar na Construção da Imagem Materna de Javé em Dêutero-Isaias*, explora a imagem maternal de Iahweh, enquanto o segundo, *Asherah, a Ausência Erótica de Deus*, expõe as consequências de um monoteísmo patriarcal.

3.2 REPRESENTAÇÃO DA DEUSA ASERÁ NA REDAÇÃO DEUTERONOMISTA

Após se observarem as principais informações decorrentes de pesquisas sobre Aserá, e sobre as deusas às quais ela foi relacionada, busca-se analisar, especificamente, as representações da divindade presentes no Antigo Testamento, atentando-se para as descrições negativas da deusa Aserá, ligadas à insubmissão feminina, entre os livros de Deuteronômio à Reis. Sempre considerando que, entre os séculos VIII ao VI AEC, um grupo de escribas deuteronomistas redigiu múltiplos textos com o objetivo de construir uma identidade hebraica fundamentada em uma religiosidade monoteísta.

Como apresentado anteriormente, a deusa é citada no Antigo Testamento em um total de quarenta vezes e, em sua grande maioria, é referida como objeto de culto. Entretanto, nos textos escolhidos como fontes para este estudo, Aserá aparece vinte e quatro vezes e apenas nos livros de Deuteronômio, Juízes e Reis. Também se entende que a deusa é mencionada como divindade em somente seis momentos e como estrangeira, portanto, uma deusa cananeia cultuada em território Israelita e Judaíta.

A palavra Aserá, no original hebraico, apresenta múltiplas variações no feminino e no masculino, assim como no singular e no plural. A “masculinização” do substantivo originalmente feminino sugere uma das formas empregadas pelos redatores deuteronomistas para desencorajar o culto à deusa, apagando suas memórias e seus resquícios nas antigas regiões de Israel e Judá (CORDEIRO, 2009). Dessa forma, as traduções das fontes ora utilizadas

mantêm diferentes nomenclaturas para Aserá, e na versão em português do Antigo Testamento da Bíblia de Jerusalém, se encontram termos como: “árvore”, “poste(s) sagrado(s)”, “altares de incensos” e “Aserá(s)”, ao mencionarem a deusa. Como exemplos, temos uma citação de Aserá como objeto de culto: “Acab erigiu também um poste sagrado e cometeu ainda outros pecados, irritando Iahweh, Deus de Israel, mais que todos os reis de Israel que o precederam” (I REIS, capítulo 16, versículo 33); e de Aserá como deusas, plural: “Os israelitas fizeram o que é mau aos olhos de Iahweh. Esqueceram Iahweh seu Deus para servir aos baais e às aserás.” (JUÍZES, capítulo 3, versículo 7).

Além da questão sobre a nomenclatura de Aserá no Antigo Testamento, segundo Day (2001), há trechos que demonstram que entre os hebreus mantinham-se alguns hábitos que iam contra o monoteísmo planejado pelos deuteronomistas, quando são necessárias leis no Código Deuteronomico que proíbem o plantio de árvores como Aserá ao lado de altares de Iahweh: “Não plantarás um poste sagrado ou qualquer árvore ao lado de um altar de Iahweh teu Deus que hajas feito para ti, nem levantarás uma estela, porque Iahweh teu Deus a odeia.” (DEUTERONÔMIO, capítulo 16, versículo 21-22).

Outro momento em que nota-se a permanência dos cultos a outros deuses está localizado em uma das descrições da reforma de Josias: “Demoliu as casas dos prostitutos sagrados, que estavam no Templo de Iahweh, onde as mulheres teciam véus para Aserá.”¹⁶ (II REIS, capítulo 23, versículo 7). Em todo esse capítulo e no anterior é apresentado o reinado de Josias e suas reformas religiosas em uma tentativa de conter a ira de Iahweh sobre Judá e, ainda assim, aquelas e aqueles dedicados ao culto de Aserá continuaram adorando a deusa mesmo com as ameaças de destruição por parte do rei. Nesse trecho, a palavra Aserá se refere a uma divindade em um momento anterior à conquista da supressão dos cultos externos pelos deuteronomistas, mais tarde essa referência mudou de significado no livro de Crônicas (BINGER, 1997). Em outras palavras, os termos diferentes para Aserá estão conectados com a fase deuteronomista e pós-deuteronomista dos escritos veterotestamentários.

Assim podemos supor que o culto da Deusa e também outros elementos da herança cananéia foram reprimidos até um certo ponto, mas nunca eliminados completamente, e sempre de novo ressurgiam em tempos oportunos. O saber e a prática desses cultos eram preservados provavelmente tanto por homens quanto por mulheres, mas em primeiro lugar por mulheres. Não pode ter sido muito grande sua vontade de identificação com o culto de YHWH, que era administrado por homens e claramente deficitário para mulheres (SCHROER, 2008, p. 121).

¹⁶ Sobre a discussão da palavra prostituto/prostituta e do seu significado no Antigo Testamento, indica-se a leitura da dissertação de mestrado de Janaína de Fátima Zdebsky, de 2018: “A prostituta sagrada e os entrelaçamentos transculturais no Antigo Crescente Fértil”.

Quando identificamos que no culto ao deus Iahweh há apenas lugares para homens no sacerdócio, parece natural a aproximação das mulheres com deusas de seu entorno. Também se considera o fato de que a deusa geralmente é citada em momentos de destruição de altares, templos ou imagens e está relacionada de maneira significativa com algumas mulheres ou figuras específicas no Antigo Testamento.

Em uma das referências à Aserá como divindade, transparece a relação entre a deusa e uma das rainhas de Israel, a rainha Jezabel: “Pois bem, manda que se reúna junto de mim, no monte Carmelo, todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem à mesa de Jezabel” (I REIS, capítulo 18, versículo 19). A primeira menção à Jezabel é quando ocorre a introdução ao reinado de seu marido, o rei israelita Acab:

Acab, filho de Amri, fez o mal aos olhos de Iahweh, mais do que todos os seus antecessores. Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e passou a servir Baal e adorá-lo; erigiu-lhe um altar no templo de Baal, que construiu em Samaria. Acab erigiu também um poste sagrado e cometeu ainda outros pecados, irritando Iahweh, Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que o precederam (I Reis, capítulo 16, versículos 30-33).

A narrativa deuteronomista teceu histórias do casal de maneira negativa, tanto juntos quanto separados, e ao longo dos capítulos a rainha é acusada de influenciar Acab a favor de deuses estrangeiros. Um dos grandes momentos da rainha no Antigo Testamento diz respeito a sua relação com o profeta Elias, quem ela ameaça de morte após ele ordenar ao povo que matassem os sacerdotes dos deuses Baal e Aserá.

Acab contou a Jezabel tudo o que fizera Elias e como passara a fio de espada todos os profetas. Então Jezabel mandou a Elias um mensageiro para lhe dizer: “Que os deuses me façam este mal e acrescentem este outro, se amanhã a esta hora eu não tiver feito de tua vida o que fizeste da vida deles!”. Vendo isso, Elias levantou-se e partiu para salvar sua vida. Chegou a Bersabeia, que pertence a Judá, e deixou lá seu servo (I REIS, capítulo 19, versículos 1-3).

A partir desse momento, Elias foge temendo a promessa de Jezabel. Uma das possíveis explicações para a fuga, como explicado por João Valério Scremin (2013), é que o profeta ficou perturbado com a ameaça da rainha pois os poderes de Jezabel, mesmo dentro de uma cultura e religiosidade que enalteciam uma figura masculina e rejeitavam a importância da feminina, eram significativos. Depois de alguns anos fora, o profeta Elias voltou para Israel.

Outra parte que revela um pouco mais sobre a questão do poder feminino no Antigo Israel, e ainda relacionado à Jezabel, é o episódio da vinha de Nabot. Quando o rei Acab não

consegue tomar posse de uma vinha que desejava, ele contou para a sua esposa com tristeza, e ela então planejou para que o dono da vinha fosse acusado de traição ao rei. Jezabel escreveu cartas em nome de Acab e selou-as com o selo real, conspirando a morte de Nabot, e assim conseguindo a posse das terras para o rei.

Então sua mulher Jezabel lhe disse: “Não és tu que governas Israel? Levanta-te e come e que teu coração se alegre, pois eu te darei a vinha de Nabot de Jezrael”. Ela escreveu então umas cartas em nome de Acab, selou-as com o selo real, e enviou-as aos anciãos e aos notáveis da cidade, concidadãos de Nabot (I REIS, capítulo 21, versículos 7-8).

Nesta passagem percebe-se a grande influência que Jezabel possuía, a rainha com acesso ao selo real e utilizando-o em cartas oficiais deixa claro uma regência ao lado do rei Acab (SCHROER, 2008), o que não seria aceito pelo grupo dominante que tentava concentrar os poderes em figuras masculinas. A representação negativa de Jezabel nos textos veterotestamentários demonstra que mulheres com tamanha importância seriam entendidas da mesma forma pela redação deuteronomista (SCHROER, 2008), ou seja, mulheres influentes seriam sempre vistas como cruéis e insubmissas.

Após os acontecimentos em torno da vinha de Nabot, a dinastia dos Omriadas foi amaldiçoada pelo profeta Elias, e então vemos um exemplo em que a redação deuteronomista utiliza da violência para provar seu ponto de vista. A descrição da maldição e das mortes de toda a família demonstra a necessidade do texto de oferecer aos futuros leitores as consequências de adorar outros deuses, que naquele momento chamaram de ídolos. Assim, a última passagem em que se tem referência a Jezabel é em sua morte, extremamente violenta:

Ordenou ele: “Lançai-a abaixo”. E eles a atiraram para baixo; seu sangue salpicou a parede e os cavalos, e Jeú passou sobre o corpo dela. A seguir, entrou Jeú e, depois de ter comido e bebido, disse: “Ide ver aquela maldita e dai-lhe sepultura, pois é filha de rei”. Quando chegaram para sepultá-la, só encontraram o crânio, os pés e as mãos. Voltaram para contar isso a Jeú, que disse: “Esta foi a palavra de Iahweh, que pronunciou por intermédio de seu servo Elias, o tesbita: ‘No campo de Jezrael, os cães devorarão a carne de Jezabel; e o cadáver de Jezabel será como esterco espalhado no campo, no campo de Jezrael, de modo que não se poderá dizer: Esta é Jezabel!’” (II REIS, capítulo 9, versículos 33-37).

Jezabel oferece o perfeito exemplo da violência imposta às mulheres, desde quando é responsabilizada pelas ações do seu marido, até quando tem um final pior e sem possibilidades de redenção, ao contrário de Acab. Sobre a autoridade feminina entre os hebreus, Marivete Zanuni Kunz (2014) explica que a tradição não aceitava que mulheres hebraicas recebessem o título de Rainha, somente estrangeiras receberiam tal título, ou hebraicas vivendo em outras cortes. Outros títulos, o de Rainha-mãe e de Dama, poderiam ser conferidos a uma mulher,

porém eram incomuns, visto que a posição de influência que a mulher passaria a desempenhar seria expressiva (KUNZ, 2014). Um exemplo de mulher que recebeu um desses títulos foi Maaca, filha de Absalão, porém o perdeu quando seu neto, o rei judaíta Asa, o retirou:

Chegou a retirar de sua vó a dignidade de Grande Dama, porque ela fizera um ídolo para Aserá; Asa quebrou o ídolo e queimou-o no vale de Cedron. Os lugares altos não desapareceram; mas o coração de Asa foi plenamente fiel a Iahweh, por toda a sua vida (I REIS, capítulo 15, versículo 13).

Neste trecho a deusa Aserá é referida como uma divindade, mesmo que tenha sido usado para descrever a fidelidade de Asa para com Iahweh. Também percebe-se que os títulos dado às hebraicas poderiam ser retirados a qualquer momento. Entretanto, a rainha Jezabel recebeu todos esses títulos, o que a tornou uma autoridade legítima dentro da sociedade (KUNZ, 2014).

Jezabel, ainda, não foi a única acusada de desviar a religiosidade de seu marido. Anteriormente, as mulheres de Salomão também foram responsabilizadas pelo marido não seguir Iahweh como deveria:

Além da filha do Faraó, o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras: moabitas, edomitas, sidônias e heteias, pertencentes às nações das quais Iahweh dissera aos israelitas: “Vós não entrareis em contato com eles e eles não entrarão em contato convosco; pois, certamente, eles desviariam vossos corações para seus deuses”. Mas Salomão se ligou a elas por amor; teve setecentas mulheres princesas, e trezentas concubinas, e suas mulheres desviaram seu coração (I REIS, capítulo 11, versículos 1-3).

Na continuação desta passagem, a narração justifica a divisão do Reino Unido em dois, que foi uma punição pelo rei cultuar outros deuses, porém, em primeiro lugar, as suas mulheres foram culpabilizadas. Então vemos aqui a construção negativa não só por serem estrangeiras, mas também por serem mulheres.

Portanto, entende-se que algumas mulheres de Judá e Israel, que segundo o Antigo Testamento cultuaram vários deuses e demonstraram aspectos estranhos aos costumes hebraicos, foram assimiladas negativamente com o objetivo de criar uma caricatura inversa do que seria a mulher hebraica ideal. Da mesma forma, a deusa Aserá foi citada em passagens que tem como destaque as destruições dos templos estrangeiros em Israel e Judá, além de ser definida como objeto de culto em vez de divindade efetiva e relacionada às figuras controversas do Antigo Testamento, para oferecer exemplos das consequências que Iahweh estabeleceria caso não fosse cultuado. Dito isso, o esforço deuteronomista de deslegitimar e desencorajar um culto utiliza das relações de poder de representações e de gênero para atingir seu objetivo de reforçar e reconstruir a identidade hebraica impactada pela imposição de duas deportações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de graduação procurou identificar a supressão do culto à deusa Aserá nos Reinos de Israel e de Judá por meio de um estudo documental e historiográfico de cinco livros do Antigo Testamento: Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis. Com isso, foi analisada a relação entre o monoteísmo, a identidade hebraica, o culto ao deus Iahweh, a subjugação da deusa Aserá e do feminino, na escrita Deuteronomista entre os séculos VIII e VI AEC. Sempre considerando os conceitos de representação, gênero e identidade durante a escrita.

Para viabilizar essa investigação, foi necessária a apresentação de leis do Código Deuteronômico, bem como exemplos de representações negativas de Aserá e de mulheres inseridas na cultura hebraica, a fim de nos aproximar das possíveis intenções presentes nos textos, ao estabelecer um culto único ao deus Iahweh e desencorajar outros cultos adorados por hebraicas e hebreus. Levamos em consideração o contexto histórico e os objetivos dos redatores/editores durante a leitura das fontes, o de formalizar uma identidade hebraica baseada na religiosidade e em uma ancestralidade específica.

Portanto, no primeiro capítulo, foi apresentado tanto o contexto histórico de disputas entre os grandes impérios e a tentativa de sobrevivência dos pequenos reinos do Antigo Oriente Próximo, quanto feita uma pequena introdução para cada um dos livros que nos serviram como fontes para, posteriormente, entender sua importância e redação. No segundo capítulo, discorreu-se sobre a teoria da História Deuteronomista e sua redação, apreendendo de quais formas as fontes pesquisadas receberam as influências do livro de Deuteronômio e priorizaram o culto ao deus Iahweh, conseqüentemente, chegando a um monoteísmo clássico e excluindo o feminino dessa manifestação religiosa. E então, no terceiro capítulo, foram evidenciados os resultados dessa redação, em que a deusa Aserá é relacionada a comportamentos reprovados pelos deuteronomistas, como a adoção de cultos externos em Israel e Judá ou a ligação com figuras controversas do Antigo Testamento. Também se destaca por meio da rainha Jezabel, a violência empregada pela redação Deuteronomista, como forma de dominação e controle. Foram, ainda, citados os trabalhos mais importantes sobre a deusa Aserá no último século e suas contribuições para o tema.

Os estudos sobre a deusa Aserá estão em ascensão, pois ainda há muitas temáticas a serem exploradas, e no Brasil são poucos os trabalhos publicados. As áreas que demonstram maior interesse no tema são as Ciências da Religião, logo, no campo da História os materiais são escassos. Porém, a relevância do tema também se manifesta na sociedade em geral, quando

se reflete sobre as bases judaico-cristãs que foram perpetuadas na longa duração e que ainda hoje estão presentes na sociedade brasileira. Assim, mesmo que a temporalidade dessa pesquisa seja a Antiguidade e que os relatos dos casos de Aserá e de suas adoradoras denunciaram as expressões do poder masculino sobre o feminino na tradição hebraica, entendemos que os efeitos das escolhas do passado são, de certa forma, mantidos, ainda que ressignificados, na contemporaneidade, quando todos os dias são exteriorizadas violências herdadas, em partes, desta tradição.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAIS

BÍBLIA. Deuteronomio. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de Ivo Storniolo. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 257-305, 2017.

BÍBLIA. Josué. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de Samuel Martins Barbosa. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 314-347, 2017.

BÍBLIA. Juízes. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de Jorge Cesar Mota. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 348-384, 2017.

BÍBLIA. I Samuel. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de Jorge Cesar Mota. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 390-431, 2017.

BÍBLIA. II Samuel. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de Jorge Cesar Mota. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 432-467, 2017.

BÍBLIA. I Reis. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de José Raimundo Vidigal. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 468-506, 2017.

BÍBLIA. II Reis. Português. In: Bíblia de Jerusalém. Tradução de José Raimundo Vidigal. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, p. 507-545, 2017.

BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade; FUNARI, Pedro Paulo. **Exegese Bíblica: vantagens, desvantagens, limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia.** Caminhos, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 45-57, 2016.

AYALI-DARSHAN, Noga. **The Other Version of the Story of the Storm-god's Combat with the Sea in the Light of Egyptian, Ugaritic, and Hurro-Hittite Texts.** Journal of Ancient Near Eastern Religions v. 15, n. 1, p. 20-51, 2015.

BINGER, Tilde. **Asherah: Goddesses in Ugarit, Israel and the Old Testament.** Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series 232. Copenhagen International Seminar 2. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

BRINKMAN, John Anthony. **Babylonia in the shadow of Assyria (747-626 B.C.)** In: BOARDMAN, John *et al.* **The Cambridge Ancient History. Volume III. Part 2. The Assyrian and Babylonian Empires and other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries B.C.** Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-70, 1992.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais: a longa duração.** Revista de História, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

- CORDEIRO, Ana Luísa Alves. **Sobre a Divindade Aserá no Antigo Israel**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Goiânia, 2009.
- DAY, John. **Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan**. Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series 265. Londres: Sheffield Academic Press, 2000.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia Desenterrada: A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- GUNN, David Miller. Josué e Juízes. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, p.115-134, 1997.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KAEFER, Ademar. **A Bíblia Como Fonte Histórica**. VOICES: Theological Journal of EATWOT'S, New Series, v. XXXVIII, n. 2015-3&4, p. 39-51, 2015.
- LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia**. São Paulo: Edusp, 2016.
- LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: História Antiga de Israel**. São Paulo: Edições Loyola; São Paulo: Editora Paulus, 2ª edição, 2014.
- MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. **A Influência das Deusas Asherah e Ishtar na Construção da Imagem Materna de Javé em Dêutero-Isaiás**. Revista Âncora, v.9, Ano 9, p. 1-20, 2014.
- MITCHELL, Terence Croft. Judah until the fall of Jerusalem (c. 700-586 B.C.) In: BOARDMAN, John *et al.* **The Cambridge Ancient History. Volume III. Part 2. The Assyrian and Babylonian Empires and other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries B.C.** Cambridge: Cambridge University Press, p. 371-409, 1992.
- POLZIN, Robert. Deuteronomio. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, p. 105-114, 1997.
- REIMER, Haroldo. Da diversidade à singularidade. In: _____. **Inefável e sem forma: Estudos sobre o monoteísmo hebraico**. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, p. 21-52, 2009.
- RÖMER, Thomas. **A Chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, p. 135-159, 1997.
- SAVRAN, George. I e II Reis. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, p. 161-178, 1997.

SCHROER, Silvia. **A caminho para uma Reconstrução Feminista da História de Israel.** In: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres.** Tradução Monika Ottermann. São Leopoldo: Sindoal/ES/CEBI; São Paulo: ASTE, p. 83-160.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Deuteronomio, Portal da História Deuteronomista.** Revista Teocomunicação. Porto Alegre, vol. 42, n.1, p. 37-49, 2012.

STUCKEY, Johanna H. **Asherah and the God of the Early Israelites.** MatriFocus, Lammas, v. 3-4, p. 1-5, 2004.

SMITH, Mark Stratton. **The Early History of God: Yahweh and the Other Deities in Ancient Israel.** San Francisco: Harper & Row, 1990.

THOMAZ, Angélica Tostes. **Asherah, a Ausência Erótica de Deus.** Mandrágora, São Paulo, v.24, n. 1, p. 59-76, 2018.

WIGGINS, Steve A. **A Reassessment of Asherah: with further considerations of the goddess.** Gorgias Ugaritic Studies 2. Piscataway: Gorgias Press, 2007.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Representações da Identidade e Etnicidade do Antigo Israel.** Caminhos, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 252-276, 2006.

ZDEBSKY, Janaina de Fátima. **A Prostituta Sagrada e os Entrelaçamentos Transculturais no Antigo Crescente Fértil.** 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2018.